

Imagens de Brásília

17 OUT 1997

GAZETA MERCANTIL

que foi proposto. Um exemplo são os pequenos jardins que estão surgindo na entrada das superquadras, de nítida inspiração oriental, bem diferentes dos gramados "à inglesa" de Lúcio Costa. Podem não agradar aos paisagistas que se querem autênticos, mas bem que rompem a monotonia existente.

O tombamento de Brasília não é uma camisa-de-força como muitos querem fazer supor. É o recurso possível para se proteger não apenas os monumentos, como também um estilo de vida próprio, diferente da agitação das grandes cidades e do isolamento dos condomínios fechados.

A cidade que foi construída no Planalto Central está longe de ser um ideal arquitetônico ou social. Mas identificar os valores que se quer preservar é o ponto de partida indispensável para qualquer discussão sensata sobre a questão.

Cecília Londres *

Discute-se muito o tombamento do Plano Piloto, suas implicações e seu impacto sobre o desenvolvimento da cidade. Mas a verdade é que pouco se conhece sobre as intenções e as nuances que justificam a proteção da mais extensa área urbana tombada do mundo.

Afinal, o que é mesmo que se deseja manter, que não valeria a pena mudar? O que se pretende ganhar, enfim, com o tombamento?

Para responder a essa pergunta, é preciso esclarecer que o projeto urbanístico de Lúcio Costa prevê um tratamento diferenciado para cada uma das quatro escalas em que se traduz a concepção urbana da cidade: a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica. Consideremos as duas primeiras, tal como se apresentam hoje a nossos olhos.

A Praça dos Três Poderes é um vasto monumento. Ao fundo do imenso gramado, ladeado por duas fileiras de prédios idênticos, destacam-se as construções do

Legislativo. O solo plano, que deixa o céu descer em abóbada, é o cenário perfeito para o desenho do arquiteto. Essa imagem é pura forma, existe para ser vista e fotografada. É o que o turista já conhece e vem conferir. Dela, nada pode, nem deve ser alterado, já que é símbolo da cidade e da arquitetura moderna brasileira.

Já as superquadras residenciais, o que importa não é tanto a arquitetura, quase

sem variações, e sim uma determinada maneira de viver. Aos olhos do turista, e mesmo do morador de ocasião, suas virtudes não se revelam de imediato. No entanto, tudo que foi especificado pelo urbanista tem como objetivo viabilizar uma concepção de qualidade de vida.

A ocupação máxima de 15% de área construída deixa espaços

livres para os moradores, em especial para as crianças. Os prédios soltos sobre pilotis dão uma impressão de leveza, e ficam mais integrados à paisagem. A altura máxima de seis pavimentos permite que uma mãe chame uma criança da janela. A faixa arborizada que emoldura a superquadra filtra os ruídos da

rua e a intensa luminosidade da região, sem impedir a livre circulação das pessoas. A cidade parque idealizada por

Lúcio Costa nos anos 50 só hoje é uma realidade. Nos anos 60, havia apenas concreto e poeira.

Na escala monumental a proteção deve ser rígida, total, para que a imagem se mantenha inalterada. Na escala residencial, o espaço é dimensionado para ser usado, e deve haver margem para a originalidade, para a criação, e até para o diálogo com o

*Socióloga,
assessora do ministro da Cultura